



COLÉGIOS MILITARES

EXÉRCITO BRASILEIRO

PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Conhecimentos Específicos (Sem bibliografia)

INCLUI QUESTÕES GABARITADAS

EDITAL N° 001/CMRJ, DE
02 DE JANEIRO DE 2026.

BÔNUS
ÁREA DO
CONCURSEIRO



41
ANOS
A SOLUÇÃO PARA O SEU CONCURSO

- **Português:** Ortografia, Fonologia, Acentuação Gráfica, Concordância, Regência, Crase e Pontuação.
- **Informática:** Computação na Nuvem, Armazenamento em Nuvem, Intranet, Internet, Conceitos, Protocolos e Segurança da informação.

AVISO IMPORTANTE:

Este é um Material de Demonstração

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa**.

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- ✖ Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- ✖ Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- ✖ Questões gabaritadas
- ✖ Diferentes práticas que otimizam seus estudos

Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da APROVAÇÃO.

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:
<https://www.editorasolucao.com.br/>





COLÉGIOS MILITARES

EXÉRCITO BRASILEIRO

Professor de Língua
Portuguesa

EDITAL Nº 001/CMRJ, DE 02 DE JANEIRO DE 2026.

CÓD: SL-060JN-26
7908433289777

Língua Portuguesa

1.	Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados	7
2.	Níveis de significação: pressupostos, subentendidos e implícitos	7
3.	Reconhecimento de tipos e gêneros textuais	10
4.	Ortografia oficial	16
5.	Emprego da acentuação gráfica.....	17
6.	Coesão textual: referenciamento e sequenciação textual; Coerência textual: fatores.....	18
7.	Emprego/correlação de tempos e modos verbais	19
8.	Estrutura morfossintática do período simples; Relações de coordenação entre orações e entre termos da oração; Relações de subordinação entre orações e entre termos da oração; estilística da frase.....	22
9.	Emprego dos sinais de pontuação	26
10.	Concordância verbal e nominal	28
11.	Emprego do sinal indicativo de crase.....	30
12.	Colocação dos pronomes átonos	31
13.	A estilística da palavra.....	32

Conhecimentos Específicos (Sem bibliografia) Professor de Língua Portuguesa

1.	Planos e Níveis da Linguagem; Plano universal; Plano histórico; Plano individual	43
2.	Conhecimento e Uso da Língua; Saber léxico-gramatical; Saber pragmático-textual; Saber linguístico-interacional	45
3.	Concepções de Linguagem e consequências pedagógicas; Linguagem como expressão do pensamento; Linguagem como instrumento de comunicação; Linguagem como interação social	48
4.	Tipos de Gramática e Ensino de Língua; Gramática normativa; Gramática descritiva; Gramática reflexiva; Gramática do uso	51
5.	Unidade e Variedade na Língua; Variabilidade linguística; As várias normas e a variedade padrão; Modalidades: falada e escrita; A (in)formalidade na fala e na escrita; Presença da oralidade e da escrita na sociedade; Oralidade versus letramento; Sistematização da modalidade escrita	53
6.	Texto e Discurso; Condições de produção textual; Coesão textual; Coerência textual.....	56
7.	Concordância nominal e verbal	60
8.	Regência nominal e verbal.....	60
9.	Crase	63
10.	Colocação pronominal	63
11.	Gêneros Discursivos; Tipos textuais e gêneros discursivos; Gêneros não literários; Gêneros como práticas histórico-sociais; Gêneros e domínios discursivos	64
12.	Intertextualidade: polifonia e dialogismo	64
13.	Paráfrase e paródia	64
14.	Textos e funções da linguagem	65
15.	Fonemas do Português; Vogais e consoantes; Recursos linguísticos de natureza fonológica.....	65
16.	Morfemas do Português; Segmentação morfemática; Alomorfes e morfema zero; Classificação dos morfemas	67
17.	Formação de Palavras; Derivação e composição; Constituintes imediatos; Função sintática, semântica e discursiva e os processos de formação	71

ÍNDICE

18. Classes de Palavras e Funções Sintáticas; Classes de palavras: funções comunicativas e efeitos discursivos; Classes de palavras e paradigmas morfológicos; Classes de palavras e distribuição sintática; Classes de palavras e modalizações enunciativas	76
19. Subordinação e Coordenação Relações discursivo-argumentativas. Relações lógico-semânticas.....	82
20. Modalizações enunciativas	84
21. Semântica e Estilística. Gênero discursivo e estilo	85
22. Significação das palavras. Denotação e conotação.....	87
23. Estilística do enunciado. Estilística da enunciação.....	91
24. LITERATURA Especificidades do Discurso Literário Literatura como linguagem autorreferencial. Literatura como elaboração estética de visões de mundo. Literatura como patrimônio representativo da cultura de um povo	92
25. Concepção e Problematização dos Gêneros Literários Clássicos. Modernos	93
26. Formação da Tradição Literária: processos de Canonização dos Clássicos Fatores que subjazem à seleção de obras e autores(as). Instâncias que referendam a inclusão e a exclusão no cânone.....	98
27. História e Crítica da Literatura Brasileira Periodização literária no Brasil. Traços de renovação e permanência na literatura brasileira. Construção da Identidade Literária Nacional Dos primeiros cronistas ao Barroco. Arcadismo e Pré-Romantismo. Romantismo. Realismo e Naturalismo. Parnasianismo. Simbolismo. Pré-Modernismo.Modernismo	100
28. Diálogo com a Literatura Portuguesa: rupturas e permanências. Tradição medieval.Tradição clássico-humanista. Tradição romântica. Tradição naturalista.Tradição moderna.....	108
29. Tendências contemporâneas. Lírica Brasileira Do Barroco ao Pré-Modernismo.Do Modernismo à poesia contemporânea.....	121
30. Romance Brasileiro. Produção romântica.Produção realista e naturalista. Produção pré-modernista. Produção modernista. Produção contemporânea	122
31. Literatura Afro-Brasileira.....	124
32. A Leitura Literária na Escola No segundo segmento do Ensino Fundamental. No Ensino Médio.....	125
33. Literatura infantil e juvenil	126
34. Formação do leitor.....	127
35. Papel da escola no desenvolvimento do gosto estético.....	128

LÍNGUA PORTUGUESA

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS DE GÊNEROS VARIADOS

A interpretação de texto exige a ativação dos conhecimentos preliminares que cada indivíduo detém antes de realizar a leitura de um novo texto; além disso, a interpretação tem como pressuposto que a aquisição de uma nova informação correlaciona-se com o conteúdo previamente adquirido, proporcionando ampliação do saber do leitor.

Por último, a interpretação do texto tem como objetivo também uma apreciação crítica e individual da leitura no novo texto, influenciando o leitor de alguma forma. Para isso, podem ser feitos três tipos de leitura antes de se chegar à *leitura interpretativa*. São eles: leitura prévia, leitura seletiva e leitura analítica.

Identificação do sentido global de um texto

Esse é o objetivo da primeira leitura do texto, que precisa ser realizada sem qualquer interrupção e com tranquilidade. No primeiro contato com o texto, é necessário, apenas, identificar as ideias principais, procurando entender o sentido global do texto e reconhecer o seu objetivo. Compreender o texto em sua totalidade ou o significado de cada palavra não é fundamental nesse momento.

Identificação de seus principais tópicos e de suas relações (estrutura argumentativa)

Em uma nova leitura, ficará mais descomplicado fazer a identificação das principais ideias de cada um dos parágrafos e entender como o texto se desenvolve (a relação que os diversos conceitos estabelecem entre si). Nesse momento, é também fundamental fazer a separação entre fatos e opiniões. Aqui, o leitor deverá distinguir de forma clara o que é verdadeiro, comprovável e o objetivo daquilo que é uma mera opinião. É preciso que o leitor também possa fazer uma distinção entre as suas próprias ideias e das ideias do autor do texto, sendo que as suas não poderão refutar ou prevalecer sobre os conceitos apresentadas no texto. Basicamente, esse é o momento de fazer a relação das ideias e dos contextos presentes no texto com o mundo real e verdadeiro.

Síntese do texto

Reescrever o texto com suas próprias palavras é uma ótima estratégia para memorização e melhor entendimento. Além dos resumos, pode-se fazer esquemas e tópicos, para relacionar as ideias predominantes. Em outras palavras, sintetizar é parafrasear todo o conteúdo do texto, fazendo reflexões próprias acerca das ideias transmitidas pelo autor.

Adaptação e reestruturação do texto para novos fins retóricos

Para uma interpretação mais profunda e acertada, pode-se realizar a análise dos termos e palavras em fontes diversas, como propagandas, músicas, provérbios e ditados; analisar as informações em estruturas como tabelas, mapas, gráficos e diagramas; usar métodos que auxiliem na diversificação lexical, explorando, por exemplo, os sinônimos e os antônimos; fazer atividades jogos e atividades lúdicas, como palavras cruzadas.

NÍVEIS DE SIGNIFICAÇÃO: PRESSUPOSTOS, SUBENTENDIDOS E IMPLÍCITOS

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NAS INTERAÇÕES LINGUÍSTICAS

A linguagem não opera apenas pela combinação de palavras em frases gramaticalmente corretas. Seu funcionamento pleno depende de elementos que vão além da estrutura linguística visível, envolvendo contextos, intenções e conhecimentos partilhados entre os interlocutores. Assim, a construção do sentido nas interações linguísticas é um processo complexo, que exige a articulação entre o que é dito, o que é entendido e o que está pressuposto ou sugerido.

Em uma comunicação efetiva, o sentido não está inteiramente presente nas palavras proferidas ou escritas. Parte importante desse sentido é construída a partir de conhecimentos prévios, inferências e relações contextuais. Esse fenômeno é particularmente evidente em situações de linguagem oral e informal, mas também se manifesta nos usos mais formais da língua. O interlocutor, ao interpretar uma mensagem, aciona esquemas mentais e culturais que lhe permitem ir além do enunciado literal para compreender intenções, ironias, emoções, julgamentos e vínculos sociais.

Do ponto de vista da pragmática, área da linguística que estuda o uso da linguagem em contextos reais, é fundamental observar que os enunciados têm efeitos de sentido que ultrapassam seu conteúdo proposicional. Um simples “Está frio aqui”, por exemplo, pode funcionar não apenas como uma constatação, mas como um pedido implícito para fechar a janela. O que permite essa interpretação é o contexto da fala, as relações entre os interlocutores e o conhecimento compartilhado.

Outro aspecto importante na construção do sentido é a noção de cooperação comunicativa. Mesmo sem estar explicitada, essa cooperação pressupõe que os participantes de um ato de fala busquem se compreender mutuamente. Esse princípio, formulado por Paul Grice, orienta a interpretação de implicaturas conversacionais, ou seja, sentidos que não estão literalmente ditos, mas são inferidos com base no que se espera de uma conversa racional e cooperativa.

AMOSTRA

A interação entre os níveis linguísticos – semântico, sintático, pragmático e discursivo – também contribui para que os sentidos se formem. A escolha lexical, o uso de determinadas estruturas sintáticas e o posicionamento das palavras no enunciado influenciam diretamente a forma como a mensagem é recebida e interpretada. Além disso, elementos extralingüísticos, como o tom de voz, a linguagem corporal, o conhecimento de mundo e os papéis sociais dos interlocutores, exercem forte impacto na construção do significado.

Por fim, é preciso reconhecer que o sentido não é uma entidade fixa ou definitiva. Ele pode variar conforme o tempo, o espaço, a cultura e a experiência dos falantes. O mesmo enunciado pode gerar interpretações distintas em diferentes contextos, justamente porque a linguagem é um fenômeno social dinâmico, marcado pela ambiguidade e pela polissemia. Essa fluidez é parte essencial da comunicação humana e, ao mesmo tempo, um dos grandes desafios para a compreensão precisa das mensagens.

Essa complexidade é o que justifica o estudo dos elementos que atuam de forma indireta na produção de sentido, como os pressupostos, os subentendidos e os implícitos.

PRESSUPOSTOS: O QUE SE TOMA COMO DADO

Os pressupostos são informações que o falante assume como conhecidas, aceitas ou verdadeiras por parte do interlocutor. Eles não são o foco principal do enunciado, mas estão embutidos nele como base necessária para que a comunicação ocorra de forma eficaz. Em outras palavras, o pressuposto é aquilo que se toma como já estabelecido, e não aquilo que se afirma ou se questiona diretamente.

Um exemplo simples ajuda a entender essa noção:

"João parou de fumar."

Esse enunciado tem como foco a ação de parar, mas traz um pressuposto claro: João fumava antes. Mesmo que o objetivo do falante não seja informar que João tinha esse hábito, essa informação é necessária para que o sentido da frase se sustente. Assim, mesmo em frases negativas ou interrogativas, o pressuposto costuma se manter:

"João não parou de fumar."

"João parou de fumar?"

Em ambos os casos, continua implícita a ideia de que ele fumava.

Os pressupostos geralmente se vinculam a certas expressões ou estruturas linguísticas conhecidas como “gatilhos presupositivos”. Entre os mais comuns estão:

▪ **Verbos factivos:** como “saber”, “perceber”, “lamentar”

▪ Exemplo: “Ela sabe que o projeto foi rejeitado.” → Pressupõe-se que o projeto foi rejeitado.

▪ **Verbos de mudança de estado:** como “começar”, “continuar”, “parar”

▪ Exemplo: “Eles começaram a discutir.” → Pressupõe-se que não estavam discutindo antes.

▪ **Construtos com advérbios ou marcadores de tempo:**

▪ Exemplo: “Ela chegou atrasada de novo.” → Pressupõe-se que já chegou atrasada antes.

Construções possessivas:

▪ Exemplo: “O carro do Marcos quebrou.” → Pressupõe-se que Marcos tem um carro.

Frases relativas e orações subordinadas:

▪ Exemplo: “O professor que viajou ontem já voltou.” → Pressupõe-se que ele viajou.

Uma característica importante dos pressupostos é sua estabilidade frente à negação. Ou seja, mesmo quando o enunciado é negado, os pressupostos permanecem ativos. Esse fenômeno ajuda a distingui-los de outras formas de sentido implícito. Compare:

“Ela parou de estudar.”

“Ela não parou de estudar.”

Nas duas frases, pressupõe-se que ela estudava.

Contudo, os pressupostos não são neutros nem inocentes. Ao pressupor algo, o falante pode manipular o discurso, fazendo com que certas informações sejam aceitas sem questionamento. Isso é particularmente visível em discursos políticos, publicitários ou ideológicos.

▪ Exemplo: “Quando você vai admitir que está errado?” → Pressupõe-se que a pessoa está errada, mesmo que ela não concorde com essa afirmação.

Dessa forma, os pressupostos atuam como mecanismos sutis de controle do discurso. Eles moldam a interpretação dos enunciados, orientam a atenção do interlocutor e influenciam as representações sobre os fatos. Saber identificá-los é essencial para uma leitura crítica da linguagem, seja na fala cotidiana, seja nos textos escritos.

SUBENTENDIDOS: O QUE SE SUGERE SEM DIZER

Os subentendidos são formas de expressão em que o sentido não está explicitamente dito, mas é percebido pelo interlocutor com base no contexto, na entonação, na escolha das palavras ou na situação comunicativa. Eles surgem da relação entre o que é dito e o que é sugerido, e exigem do ouvinte ou leitor um papel ativo na interpretação do enunciado. O subentendido, portanto, depende da capacidade do interlocutor de “ler nas entrelinhas”.

Diferentemente dos pressupostos, que são considerados informações assumidas como verdadeiras e geralmente ativadas por gatilhos linguísticos, os subentendidos operam em um nível mais aberto de inferência. Eles não são necessários para que a frase tenha sentido, mas enriquecem o enunciado com uma camada interpretativa adicional, nem sempre óbvia, que pode ser ambígua ou até estratégica.

Considere o exemplo:

“Maria chegou cedo hoje.”

Sozinha, essa frase pode parecer apenas uma constatação. No entanto, se dita com determinada entonação ou em determinado contexto (por exemplo, após Maria ter chegado tarde várias

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS (SEM BIBLIOGRAFIA)

PLANOS E NÍVEIS DA LINGUAGEM; PLANO UNIVERSAL; PLANO HISTÓRICO; PLANO INDIVIDUAL

PLANO UNIVERSAL

O Plano Universal constitui a camada primária e mais abrangente da linguagem humana, situando-se em uma dimensão que precede a existência de idiomas específicos como o Português ou o Inglês. Segundo a teoria de Eugenio Coseriu, este plano refere-se ao “falar em geral”, ou seja, à atividade humana de comunicar estados de consciência por meio de signos.

No contexto didático, é fundamental compreender que este nível não é regido por normas gramaticais de uma nação, mas por leis lógicas e cognitivas que são comuns a toda a espécie humana. Trata-se do saber elocucional, que é o conhecimento que o indivíduo possui sobre como organizar o pensamento de forma que ele seja comprehensível e esteja em conformidade com as leis da lógica e da percepção da realidade. É este plano que nos permite identificar que uma frase possui sentido, mesmo que não conheçamos profundamente as regras sintáticas de uma língua, pois ele fundamenta a base de toda a interação possível entre sujeitos racionais.

O conceito central para avaliar a eficácia da linguagem neste nível é a congruência. Um discurso é considerado congruente quando ele respeita as estruturas do pensamento lógico e o conhecimento de mundo compartilhado pelos seres humanos. Quando um falante produz uma sentença que viola essas leis, ele incorre em uma incongruência, que é um erro muito mais profundo do que um erro gramatical, pois atinge a própria possibilidade de sentido do texto.

A clareza de raciocínio, a capacidade de estabelecer relações de causa e efeito e a manutenção de uma unidade de sentido ao longo de uma exposição são todas competências situadas no Plano Universal. Portanto, o ensino de Língua Portuguesa que foca neste plano está, na verdade, ensinando o aluno a pensar com rigor, a estruturar argumentos sólidos e a evitar contradições internas que invalidariam sua comunicação antes mesmo de qualquer análise ortográfica.

Para sistematizar a compreensão teórica do Plano Universal, é útil observar como ele se diferencia dos demais planos e quais são suas características intrínsecas, conforme detalhado na tabela abaixo:

Atributo do Plano Universal	Descrição Teórica e Didática
Objeto de Estudo	O falar enquanto atividade universal do ser humano (falar em geral).
Saber Linguístico	Saber Elocucional: conhecimento das leis do pensamento e da organização da realidade.
Critério de Avaliação	Congruência: o discurso deve ser lógico e compatível com a experiência de mundo.
Norma de Referência	Leis da Lógica: princípios de identidade, não contradição e terceiro excluído.
Tipo de Erro	Incongruência: frases que, embora possam estar gramaticalmente corretas, são logicamente impossíveis ou absurdas.

No âmbito da produção textual, a negligência com o Plano Universal resulta em textos incoerentes, onde as ideias não se conectam ou se anulam mutuamente. O estímulo ao raciocínio lógico dentro das aulas de linguagem deve, portanto, focar na capacidade de abstração e na construção de estruturas mentais organizadas.

Isso envolve o treinamento para que o aluno consiga distinguir fatos de opiniões, identificar premissas falsas em um argumento e garantir que a conclusão de seu texto derive logicamente das informações apresentadas anteriormente. Em suma, o Plano Universal é a garantia de que a linguagem serve ao seu propósito maior: a expressão da verdade ou da verossimilhança através da razão humana, funcionando como o solo firme sobre o qual se construirão as camadas históricas e individuais da comunicação.

O PLANO HISTÓRICO (A LÍNGUA PARTICULAR)

O Plano Histórico representa a segunda camada da linguagem, situando-se entre a abstração lógica do plano universal e a realização concreta do plano individual. Neste nível, a linguagem deixa de ser uma faculdade biológica geral para se tornar uma instituição social e cultural específica, materializada em idiomas particulares como o Português, o Espanhol ou o Francês.

Para Eugenio Coseriu, este plano é definido pelo “saber idiomático”, que compreende o conjunto de normas, tradições e convenções adotadas por uma determinada comunidade linguística ao longo do tempo. É neste estágio que o falante

AMOSTRA

que, embora o pensamento de “casa” seja universal, a estrutura fonética e morfológica para expressá-lo em sua comunidade é uma convenção histórica que deve ser respeitada para que haja reconhecimento e pertencimento social.

Diferente do plano universal, onde o critério é a lógica, o plano histórico é regido pelo critério da **correção**. Um enunciado é considerado correto quando está em conformidade com a tradição histórica da língua, muitas vezes codificada pelas gramáticas normativas e dicionários. No entanto, o plano histórico é dinâmico e inherentemente variável; ele abrange não apenas a norma culta, mas todas as variantes dialetais, jargões e níveis de fala que compõem a identidade de um povo.

O ensino de Língua Portuguesa focado neste plano dedica-se ao estudo da estrutura da língua: sua fonologia, morfologia, sintaxe e léxico. É a compreensão de que a língua é um patrimônio herdado, mas que sofre constantes pressões de mudança devido ao uso das gerações, transformando termos como o antigo “Vossa Mercê” no atual “Você”.

Para organizar a complexidade das normas que regem as línguas particulares, a tabela a seguir sistematiza as principais características do Plano Histórico:

Atributo do Plano Histórico	Descrição Teórica e Didática
Objeto de Estudo	A língua particular (idioma) enquanto instituição social e histórica.
Saber Linguístico	Saber Idiomático: conhecimento das regras, léxico e tradições de uma comunidade.
Critério de Avaliação	Correção: conformidade com o sistema e as normas consagradas pela tradição.
Norma de Referência	Gramática Normativa e Tradição Linguística: padrões estabelecidos pelo uso social.
Tipo de Erro	Incorrência: desvios gramaticais, ortográficos ou lexicais em relação ao padrão adotado.

No contexto didático e pedagógico, o trabalho com o Plano Histórico exige a compreensão de que a “língua certa” é, na verdade, a língua adequada à norma que a comunidade elegeu como padrão para registros formais e científicos. O desafio para o educador é apresentar a gramática não como um conjunto de proibições arbitrárias, mas como a estrutura que garante a estabilidade e a unidade da comunicação entre milhões de falantes.

Além disso, este plano é o espaço ideal para discutir a diversidade linguística e o preconceito linguístico. Quando um aluno comprehende que as variações regionais ou sociais também fazem parte do plano histórico, ele passa a ver a norma culta como uma ferramenta de poder e acesso social, e não como a única forma de expressão legítima. Em resumo, o Plano Histórico é o repositório da cultura e da história de um povo depositado na linguagem, servindo de ponte necessária para que o indivíduo transforme seus pensamentos universais em discursos comprehensíveis por seus pares.

O PLANO INDIVIDUAL (O DISCURSO)

O **Plano Individual** representa o estágio final e mais concreto da linguagem, onde a faculdade biológica (Plano Universal) e a instituição social (Plano Histórico) se encontram para a realização de um ato comunicativo específico. Segundo a terminologia de Eugenio Coseriu, este plano refere-se ao “discurso”, que é a língua em estado de ação, produzida por um falante determinado, para um ouvinte determinado, em um contexto e momento únicos.

Enquanto os planos anteriores lidam com o potencial e com a regra, o Plano Individual lida com a **execução**. É neste nível que se manifesta o “saber expressivo”, ou seja, a capacidade do indivíduo de selecionar, dentro do vasto repertório da sua língua, os recursos mais eficazes para transmitir sua intenção, sentimentos e visões de mundo. Aqui, a língua deixa de ser um patrimônio coletivo estático para se tornar um instrumento de identidade e estilo pessoal.

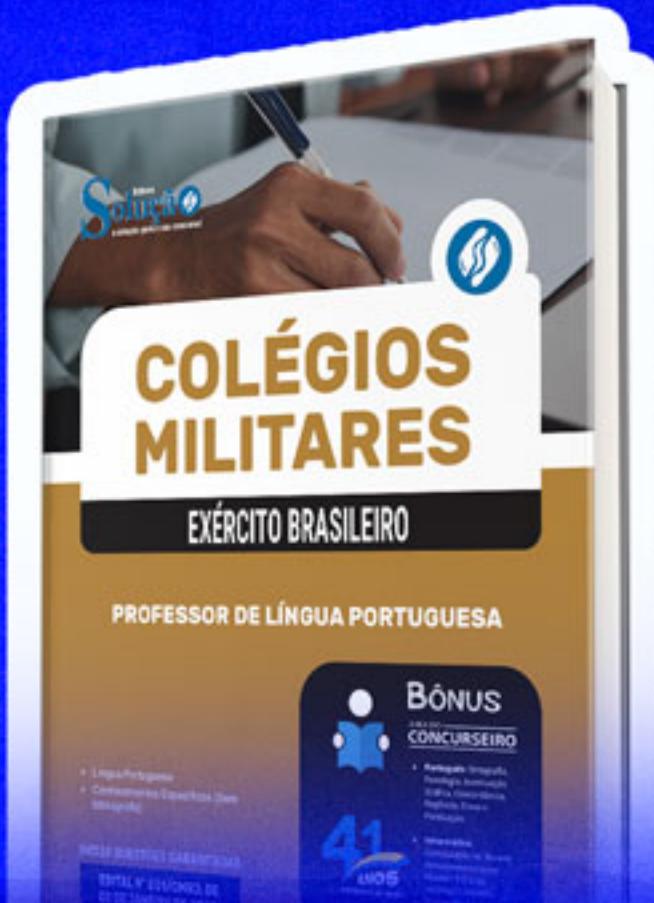
Diferente do plano histórico, cujo critério é a correção gramatical, o Plano Individual é regido pelo critério da **adequação**. Um discurso não é avaliado apenas por estar “certo” ou “errado” segundo a gramática, mas por ser eficiente, oportunamente apropriado à situação sociocomunicativa. O foco desloca-se da norma para a retórica e para a pragmática.

Um falante pode produzir um enunciado gramaticalmente impecável no plano histórico, mas que falha no plano individual por ser excessivamente formal em um ambiente descontraído, ou vice-versa. O ensino de Língua Portuguesa neste nível deve focar na análise de gêneros textuais e na produção autoral, incentivando o aluno a perceber que cada escolha lexical ou sintática é uma estratégia para alcançar um efeito de sentido no interlocutor. O estilo, portanto, é a marca da liberdade criativa do sujeito dentro das fronteiras impostas pela lógica e pela língua.

Para compreender como a individualidade se manifesta na construção do sentido, a tabela abaixo resume os fundamentos do Plano Individual:

Atributo do Plano Individual	Descrição Teórica e Didática
Objeto de Estudo	O discurso ou o texto: a realização concreta e única da linguagem.
Saber Linguístico	Saber Expressivo: a capacidade de adequar a língua ao contexto e ao objetivo.
Critério de Avaliação	Adequação: a eficácia comunicativa e a conveniência do discurso à situação.
Norma de Referência	O Contexto e a Intenção: as circunstâncias em que a fala ou escrita ocorre.
Tipo de Falha	Inadequação: uso de linguagem inapropriada para o público, o meio ou o objetivo.

No campo pedagógico, trabalhar o Plano Individual significa formar autores e leitores críticos. Isso envolve o desenvolvimento da consciência estilística, permitindo que o estudante



GOSTOU DESSE **MATERIAL?**

Então não pare por aqui: a versão **COMPLETA** vai te deixar ainda mais perto da sua aprovação e da tão sonhada estabilidade. Aproveite o **DESCONTO EXCLUSIVO** que liberamos para Você!

EU QUERO DESCONTO!